



EDIÇÕES BESTBOLSO

## *O dia da tempestade*

A escritora Rosamunde Pilcher nasceu em 1924 na Cornualha, Inglaterra. Aos 25 anos publicou seu primeiro livro usando o pseudônimo de Jane Fraser. Somente em 1955, Pilcher passou a assinar com o nome verdadeiro e, aos 63 anos, tornou-se reconhecida mundialmente com a publicação do best seller *Os catadores de conchas*. Talentosa romancista e contista, suas histórias costumam tratar das complexas relações familiares, sempre ambientadas nas mais belas paisagens da Grã-Bretanha. A escritora tem livros publicados em mais de trinta países.











# 1

Tudo começou numa segunda-feira, num final de janeiro. Um dia aborrecido de uma aborrecida época do ano. O Natal e o ano-novo já haviam passado e caído no esquecimento, mas a nova estação ainda não havia começado a se revelar. Londres estava fria e úmida, as lojas apinhadas de vã esperança e roupas “para viagem”. As árvores dos parques erguiam-se rendadas e desfolhadas contra o céu melancólico e, abaixo, a grama pisada parecia insípida e morta de tal modo que era impossível acreditar que pudesse algum dia voltar a ser coberta por montes de açafão roxo e amarelo.

Era um dia como outro qualquer. O despertador me acordou e deparei-me com a escuridão, embora esmaecida pela grande quantidade de janelas descortinadas, através das quais eu avistava o topo dos plátanos iluminados pelo brilho alaranjado dos longínquos postes de luz das ruas.

Não havia móveis em meu quarto, exceto um sofá-cama onde eu dormia e uma mesa de cozinha que eu pretendia pintar, quando tivesse tempo, e lustrar com uma camada de cera. O chão de lambris era nu. Uma caixa de laranjas servia de mesa-de-cabeceira e uma outra, cheia de coisas, fazia a vez da cadeira.

Ergui o braço para acender a luz e observei o ambiente deserto com extrema satisfação. Era tudo meu. Meu primeiro apartamento. Eu tinha me mudado havia apenas três semanas, mas ele pertencia somente a mim. Com ele, eu podia fazer o que bem entendesse. Recobrir as paredes brancas 5





com cartazes ou pintá-las de laranja. Lixar o chão ou enchê-lo de cores. Eu havia começado a adquirir um interesse particular por lojas de quinquilharias e antiguidades, e não passava por uma sem vistoriar a vitrine à procura de algum tesouro que eu pudesse me dar ao luxo de comprar. Foi assim que adquirira a mesa, e já andava de olho num espelho dourado antigo, mas não tive coragem de entrar na loja e descobrir quanto me custaria. Talvez eu o pendurasse bem acima da lareira ou na parede defronte à janela, para que refletisse o céu e a árvore, formando uma pintura dentro da moldura adornada.

Essas doces fantasias tomaram-me algum tempo. Olhei novamente para o relógio e notei que começava a ficar tarde; saí da cama e caminhei descalça até a minúscula cozinha, onde acendi o gás e coloquei a chaleira no fogo. O dia havia começado.



O APARTAMENTO FICAVA em Fulham, no segundo andar de uma casinha que pertencia a Maggie e John Trent. Eu os conhecera no Natal que passara com Stephen Forbes, sua esposa Mary e sua numerosa prole desleixada, em sua grande e desmazelada residência em Putney. Stephen Forbes era meu patrão, dono de uma livraria na Walton Street, onde eu trabalhava havia um ano. Sempre foi muito generoso comigo e quando descobriu, por intermédio de uma das moças, que eu passaria o Natal sozinha, ele e Mary apressaram-se em me convidar – na verdade, convocar – para passar os três dias na companhia deles. Havia bastante espaço, ele insistira vagamente, um quarto no sótão, uma cama no quarto de Samantha, em algum lugar, eu não iria me importar, não é? E poderia ajudar Mary a assar o peru e catar todos os pedacinhos de papel de seda do chão.





Analisando por esse ângulo, decidi aceitar o convite e me divertir a valer. Não há nada como um Natal em família, com crianças, barulho, embrulhos e presentes, e ainda um pinheirinho de Natal enfeitado com bolas brilhantes e objetos decorativos, feitos em casa.

No dia seguinte ao Natal, depois de pôr as crianças na cama, os Forbes ofereceram uma festa aos adultos, embora tivéssemos continuado a fazer brincadeiras e jogos infantis, e Maggie e John Trent juntaram-se a nós. Os Trent eram recém-casados; ela, filha de um membro graduado de Oxford que Stephen conhecera em seus dias de estudante. Era uma daquelas pessoas sorridentes e expansivas, e depois de sua chegada a festa ganhara um novo ritmo. Fomos apresentadas, mas só tivemos oportunidade de conversar num jogo de mímicas, quando nos sentamos lado a lado no sofá, tentando adivinhar os gestos incoerentes que Mary esboçava a fim de nos fazer entender o nome de um filme.

– *Rose Marie!* – gritou alguém, sem razão aparente.

– *Laranja mecânica!*

Maggie acendeu um cigarro e afundou-se no sofá, derrotada.

– É demais para mim – disse ela, virando a cabeça para me olhar. – Você trabalha na loja de Stephen, não é?

– Trabalho.

– Irei até lá, na semana que vem, gastar todos os meus vales-livro. Ganhei uma dúzia deles no Natal.

– Sorte sua.

– Acabamos de nos mudar e quero ter uma porção de coisas sobre a mesinha de centro para que nossos amigos pensem que sou incrivelmente inteligente...

Então alguém gritou:

– Maggie, é a sua vez.

– Céus! – ela respondeu e levantou-se, de modo afetado, a fim de saber o que teria que representar para o grupo. 7

